

Povos Indígenas no Brasil

Fonte:

Jornal da Tarde

Class.:

KHR 0061

Data:

19.04.86

Pg.:



A machadinha será devolvida pelo museu



Pedro Penon, narrando a lenda.

E os índios vão recuperar sua machadinha mágica

Dificilmente o visitante do Museu do Ipiranga presta muita atenção naquela machadinha com lâmina de pedra polida, cabo de madeira trançado com talos de palmeira e cipó-imbé. Na etiqueta da vitrina, onde está exposta, perdida entre arcos, flechas e enfeites indígenas, a machadinha é apenas um "emblema do melhor cantor da aldeia". No entanto, dentro de alguns dias, quando a **koiré** estiver de volta à aldeia Pedra Branca, na beira do rio Tocantins, no Norte de Goiás, a nação **krahô** vai estar em festa. Uma festa como não se via por ali há 39 anos, e que quase coincide com o Dia do Índio, comemorado hoje.

Desde o dia, em 1947, em que o antropólogo alemão Harold Schultz saiu do Município de Pedro Afonso levando consigo a **koiré** (**koi**, na língua **krahô**, quer dizer machado, e **ré**, pequeno), nunca mais ninguém ali cantou as músicas ensinadas pelo "espírito da mata" ao genro do índio Hartán, "o primeiro índio da nação **krahô**". O povo ficou triste. E começou, anos mais tarde, a procurá-la nos museus, nas universidades. "A brincadeira estava acabando para os índios", diz Pedro Penon, de 68 anos, conselheiro da tribo dos **krahôs**, formada hoje por cerca de 200 indígenas.

A peregrinação aos museus, às universidades, a todos os lugares onde poderia estar a peça sagrada da tribo durou muito tempo. No final do ano passado, porém, ela foi descoberta no acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo, conhecido como Museu do Ipiranga. "As nossas relações com os civilizados sempre foram difíceis. Por isso, resolvemos agir de maneira diplomática para buscar o **koiré**", afirmou Aílton Krenak, coordenador nacional da União das Nações Indígenas, que congrega 180 tribos.

E, ontem à tarde, nove "embaixadores" da nação **krahô**, acompanhados de Aílton, foram ao museu dispostos a resgatar a machadinha sagrada. Sentaram-se à mesa de negociações com o diretor do museu, Orlando Marques de Paiva, e não houve luta, nem foi preciso usar as pinturas de guerra. Apenas enfrentaram alguma burocracia. Depois de preenchido um ofício, que foi enviado ao reitor da USP, o professor José Goldenberg, pedindo baixa da machadinha do acervo do museu, todos ficaram satisfeitos.

— Fizemos o ofício porque essa é uma situação nova para o museu. Para nos desfazeremos de qualquer coisa do acervo, temos de agir de modo oficial. Não tenho autoridade

de para pegar a machadinha e devolver a eles — explicou Paiva.

— Encontramos um homem branco de coração diferente — observaram os nove membros da "comissão diplomática" **krahô**.

O velho Pedro Penon, usando orgulhosamente a tiara tecida em palha, o símbolo dos homens respeitados da tribo, se emocionou diante da **koiré**. "Eu era menino quando a **koiré** saiu da tribo, mas ainda lembro dela. Ela era como santo, como a bandeira de vocês. Agora, quero aprender dançar, ser cantador para chegar de novo os espíritos da força." Pedro ainda se lembra da lenda da **koiré**. "Mas não sei contar na língua de vocês."

Pedro, então, na língua **krahô**, contou lentamente a história, traduzida por Happyhi, representante do conselho da tribo. Diz a lenda que Hartán, há cinco mil anos, saiu pela mata com seu genro. Passaram por pântanos, serras com vendaval, até que aparecesse o espírito que cantava com a machadinha nas mãos. Os dois se encantaram com as melodias e pediram a **koiré**. O espírito a entregou e raios começaram a cair do céu. E avisou: "Não deixem nunca a **koiré** parada, não pode ficar quieta". Depois disso, o espírito desapareceu na ventania.

Desde esse dia, a machadinha nunca mais parou nas mãos do cantador da tribo. As músicas ensinadas pelo espírito eram cantadas no trabalho na lavoura, nas festas. Dia e noite. "Ele cantava de dia, dormia um pouco e depois cantava até amanhecer, sempre segurando a **koiré** na mão. Isso chama o espírito da força, deixa a aldeia alegre", conta Pedro Penon.

Agora que o resgate da machadinha está praticamente assegurado, Aílton Krenak se prepara para reaver a máscara sagrada dos índios Tucanos, "que se encontra no museu do Vaticano", para onde foi levada por um padre no início do século. Diz ele que a máscara, "bonita como ninguém nunca viu igual", era usada pelos índios Tucanos que vivem no alto do Rio Negro, na cerimônia **Jawari**, "a unidade do povo".

— A máscara só podia ser vista pelos homens da tribo. Para as mulheres era proibido. Um dia, lá por volta de 1910, um padre pegou essa máscara, enrolou ela num pano e colocou bem no meio da aldeia. Ele chamou todas as mulheres, desembrulhou a máscara e mostrou para elas. Foi um dia triste, as mulheres enlouqueceram, destruíram tudo, colocaram fogo nas palhoças.